

Temas e Prática em Relações Internacionais

Ensaio I - 1º Bimestre

Julia Schefer Moleiro
Número USP: 10390680
Instituto de Relações Internacionais

Aula 1 - Apresentação da disciplina TPRI 2020

A aula introdutória da disciplina focou no questão do “*Que*” estamos estudando, o que é essa disciplina e o que são os elementos que a constroem. A apresentação da sala mostrou que temos alunos de diversos cursos além de relações internacionais, não só das ciências humanas como direito e comunicação, mas também das ciências exatas como a engenharia e chegando até a oceanografia. Como estudante de relações internacionais, me alegrou o fato de tantas pessoas de áreas diferentes se interessarem pelo assunto, pois o retorno sobre o estudo que fazemos é excepcional.

Ao longo da graduação, incluindo até mesmo alguns momentos nessa disciplina, tive que responder perguntas do tipo “como podemos evitar o despontar de uma terceira guerra mundial”, “que tipo de movimento pode ser uma alternativa à justiça de transição” e “como combater a indústria da desinformação”, o que nos leva a um processo de raciocínio igualmente intenso e compensador. Procurar soluções para esses problemas é trabalhoso e em alguns momentos doloroso, porém por mais exaustivo que seja, é extremamente engrandecedor. Além de forçar o aluno a realmente buscar essas soluções e através disso formar uma crítica e opinião sobre o assunto, o faz buscar qual é o seu papel enquanto indivíduo na solução que ele mesmo elaborou, e a partir disso consolidar seus próprios valores. Acredito que o estudo das questões sugeridas na disciplina ajudarão os alunos a construir seu posicionamento ético e encontrar maneiras de auxiliar a criação do mundo em que querem viver.

Aula 2 - Novo normal ou nova era frente as crises 2020

A segunda aula da disciplina focou em responder a resposta de “*Quando*” estamos. No ano de 2020, indubitavelmente, mas o que esse ano significa? O que ele vai representar para aqueles que, no futuro, olharem para trás? Assistimos a uma mudança no conceito de normalidade, acompanhamos uma aceleração de tendências ou estamos vendo um novo mundo ser construído a partir dos restos do mundo antigo?

Essa pergunta tem respostas diferentes de acordo com o setor (e a crise) a que nos referimos. Estamos enfrentando um novo normal no que diz respeito à nossa vida familiar e social, pois os padrões de relacionamento (interações, encontros) não tem previsão de se estabilizar novamente. Estamos passando por uma aceleração de tendências no que diz respeito à ciência e tecnologia, principalmente à digitalização, pois cada dia que passa estamos mais conectados e mais ações são possíveis através da conexão digital. Como resultado desses dois fatores, estamos entrando em uma nova era, pois esses dois pilares que estão se transformando irão inevitavelmente ditar mudanças no nosso modo de viver ao evento do final da pandemia. Quando a última pessoa for vacinada, a última morte por covid registrada, e o mundo se ver livre da ameaça do covid 19 (o que pode ser em 2021, mas também pode ser em 2031, não há como sabermos), o mundo estará inegavelmente diferente, e nada nunca voltará a ser o que foi antes disso.

A própria maneira como estamos agora realizando nossas atividades acadêmicas nos mostra isso. Mesmo com a distância, procuramos manter contato com nossos amigos, colegas e professores, através da comunicação assíncrona em alguns momentos mas com um apreço especial pelas conversas ao vivo, buscando de alguma forma manter os laços sociais como o fazíamos antes. Enquanto fazemos isso, aproveitamos a flexibilidade de tempo que agora temos para nos tornar mais produtivos, uma vez que há mais controle sobre nossos próprios horários. E quando pensamos em um retorno às aulas presenciais, ficamos divididos entre querer o benefício do contato social e ao mesmo tempo manter a liberdade das atividades à distância. A partir de nossas experiências em meio à crise, moldamos nossos desejos e vontades para a nova era que está por vir, e faremos o possível para garantir que ela nos sirva melhor que a anterior.

Aula 3 - Mecanismos Institucionais de RI e as Crises 2020

Na terceira aula, depois de nos situarmos no “*Que*” e no “*Quando*”, partimos para o “*Como*” nosso sistema internacional funciona, navegando através de suas principais entidades. Aprendemos a divisão dos atores das relações internacionais em 5 grupos.

O primeiro deles sendo o *Estado*, por muito tempo foi considerado o principal, e por vezes único, ator. Porém as mudanças no século 20, principalmente as questões comerciais e de mobilidade levaram à necessidade de mediadores, e dessa forma foi consolidado e reconhecido o segundo ator, as *Organizações Internacionais* que zelam por todo o sistema global. Com o desenrolar de problemas políticos e bélicos, principalmente guerras e sistemas opressivos, a comunidade internacional começou a se mobilizar para que os direitos humanos passassem a ser responsabilidade de todos e dando às organizações internacionais o direito de intervir em países em que fosse necessário, tornando-as também agentes de peso

no sistema. Sem sua intervenção, situações como o nazismo e o apartheid poderiam ser mantidos sob a premissa de que o estado é soberano para decidir como tratar sua população. Essa guinada para os direitos humanos trouxe o também o *Ser Humano* como terceiro ator das relações internacionais, e sendo o eixo principal destas no mundo que desperta ao fim do século 20. A própria carta da ONU afirma que os direitos humanos são o fundamento da ordem internacional.

Para além das entidades mais “gerais”, existem dois outros grupos influentes no sistema internacional, as *empresas multinacionais* e as grandes *organizações não governamentais*. Podemos entender melhor o papel desses atores quando analisamos por exemplo o efeito de redes sociais dentro da esfera política, principalmente no atual momento de divulgação de desinformação, e as grandes organizações que atuam com funções sociais, como Greenpeace e a Anistia Internacional, cujas ações produzem efeitos que cruzam fronteiras. Esses dois grupos entretanto tem a diferença de não ser sujeitos ao direito internacional, mas, por serem entidades que atuam em ambiente domésticos, estão sujeitos ao direito de cada país em que se instalam.

Podemos acompanhar então que ao longo do tempo o sistema internacional tem ficado mais complexo e sujeito à maior grau de influência e intervenção por seus atores. Talvez nos caiba pensar qual será o próximo ator a entrar nessa lista. Será possível algum dia ter o meio ambiente representado internacionalmente? Ou devemos pensar em subdivisões dentro de grupos já existente, como por exemplo o dos seres humanos, grupos sociais distintos são capazes de formar um ator por si só? Apesar de ser difícil a especulação, as necessidades e desafios que surgirão na nova era é que irão mostrar quem mais participará desse jogo.

Aula 4 - Governança Internacional frente as Crises 2020: Desafios e Ações

Uma vez descritas as crises que estamos atravessando e atores dela, a palestra 4 nos fez pensar em quais seriam as possíveis soluções para elas. Com um foco maior na América Latina, debatemos sobre que medidas devem ser tomadas para garantir a sobrevivência e crescimento da região.

Apesar de vários pontos como a economia e infra estrutura serem indispensáveis para alcançar o desenvolvimento, nas respostas dos alunos e na discussão pós aula a questão do meio ambiente foi a que mais se destacou em número de menções. Não é de se surpreender, afinal enquanto escrevo isso, no dia 01 de Outubro de 2020, cidades do Brasil inteiro passam por um dos dias mais quentes de sua história devido ao desmatamento. Acredito que compartilhamos uma preocupação intensa sobre o meio ambiente pois de todos os pilares do desenvolvimento, é o único que, sem ele, os outros não servem para nada.

Para além dessa preocupação, observamos que atualmente as questões científicas, ambientais e políticas estão altamente interconectadas, de modo que

todos devemos nos preocupar com todos esses aspectos. Ou seja, um engenheiro deve se preocupar com o efeito que o trabalho dele causará na comunidade que o cerca, da mesma forma que um acadêmico de ciências humanas precisa se inteirar nas últimas tecnologias de informação para saber como coletar e divulgar dados, e ambos precisam pensar nas consequências éticas de suas descobertas. Para o desenvolvimento que queremos se tornar palpável e ser alcançado, será necessário uma mudança nos papéis até então existentes, tornando todos mais responsáveis e responsabilizáveis.

Depois do “*Que*”, do “*Quando*” e do “*Como*”, a quarta aula nos mostrou o “*Quem*” da nova era: todos nós. Diante da necessidade de mudança, devemos sempre buscar irmos além do papel que nos foi desenhado, porque esses desenhos, essas funções unilaterais que temos hoje foram criados para um mundo que não existe mais, e cabe a nós, habitantes desse novo mundo e construtores dessa nova era, assumirmos papéis interdisciplinares e abrangentes para garantir que nada será deixado de lado.

Aula 5 - Sérgio Vieira de Mello: Pensamento e Ação frente as Crises

A palestra sobre Sérgio Vieira de Mello foi uma das mais inspiradoras que aconteceram na primeira parte da disciplina. Depois de 4 semanas discutindo instituições, estruturas e problemas do sistema internacional, nos fez prestar atenção em algo que está acima disso tudo: princípios.

Tanto como nos documentos que relatam a vida de Sérgio quanto no filme em que vemos depoimentos das pessoas que conviveram com ele, fica claro que o que Sérgio Vieira de Mello trouxe de inovador a seu trabalho foram seus valores. Ele era excepcionalmente empático, conseguindo criar laços com os mais diferentes tipos de pessoas, e era um defensor ferrenho dos direitos humanos. Sérgio tinha inegavelmente muito conhecimento, tanto em teoria política quanto sobre as situações em que atuava, mas fica evidente que se não fosse pelas intenções de Sérgio de usar esse conhecimento para o bem daqueles que defendia, ele de nada serviria, ou pior, estaria sendo usado para o objetivo contrário, de promover a discórdia.

Dessa forma, a mensagem que Sérgio deixa para nós é que se queremos agir em prol da paz para a comunidade mundial, devemos partir do coração. A diplomacia e o papel de mediação não é algo que deve ser feito por base na ganância, na busca por títulos ou riqueza. Trabalhar com pessoas é difícil e requer habilidades, quem não souber respeitar ao próximo, se comunicar com ele, dividir a mesa e compartilhar uma refeição, não conseguirá atingir seus objetivos. Sérgio traz à tona a importância de agir de acordo com princípios morais e éticos e respeitar acima de tudo a condição humana.

Aula 6 - As Economias Emergentes frente às crises 2020: lições e perspectivas

Na aula 6 refletimos sobre o futuro das economias emergentes, com uma ênfase na África, e um convidado que nos trouxe uma nova visão de como pode ser o futuro da região.

Apesar de estar em uma situação de atraso em relação ao restante no que diz respeito ao desenvolvimento, os países africanos podem se reconstruir junto com o resto do mundo e se ressignificar para a nova era. Um dos exemplos de como isso é possível é na matriz energética, com o esgotamento dos combustíveis à base de petróleo, o planeta precisará seguir com fontes de energia sustentável, a África tem então a chance de implementar seu sistema do zero e construir sua industrialização em cima disso.

Outro ponto que se destaca é a questão demográfica, enquanto cada dia mais nações assistem sua taxa de natalidade cair e correm o risco de um futuro com escassez de mão de obra, a África em algumas décadas terá a maior população jovem do mundo.

Em suma, a África tem sido vítima da colonização e exploração que sofreu ao longo dos últimos séculos, e ocupava um papel ínfimo do cenário mundial até então, mas como já vimos em outras aulas, esse cenário está mudando e as funções dentro dele também. A África tem a chance de pegar impulso nesse momento e desenhar para si mesma o futuro que almeja.

Aula 7 - Jornalismo e mídias sociais na construção da nova era

A última palestra do primeiro bimestre foi a que trouxe o tema mais atual nesse momento: a indústria das fake news e o papel do jornalismo na nova era. Enxergamos que com o advento das redes sociais, as pessoas pararam de comprar jornal impresso e as notícias passaram a circular gratuitamente por sites, o que fez com que vários jornais quebrassem e muitas pessoas perdessem suas fontes de renda. Apesar dos grandes jornais tentarem se adaptar e monetizar em cima deste estilo de divulgação da informação, ela não era tão rentável. Uma vez que o dinheiro dos anunciantes não era o suficiente para garantir o jornal, foi necessário uma mudança na maneira de arrecadar renda, e o assinante passou a ser a principal fonte. Por conta disso, os jornais passaram a se inclinar para vieses e ideologias específicas, pois com isso atrairia mais pessoas a assinar seu conteúdo. Portanto, quando pensamos em reverter essa situação, é imprescindível que consigamos devolver ao jornalismo sua função informativa, e isso se fará oferecendo os devidos recursos às instituições e profissionais da área, para que possam fazer um trabalho digno e com credibilidade.

Nas resposta dos colegas e discussão após a apresentação da aula, a educação da população foi citada como uma possível ferramenta para o controle da

desinformação, porém tornar um problema empresarial e político em algo que vai depender de atividades individuais não parece atacar o problema pela raiz. O noticiário *The Social Dilemma*, citado na aula por conta da proximidade do assunto, sugere que responsabilizar as redes sociais é a saída mais efetiva, visto que elas são o meio em que a desinformação se propaga. Apesar das propostas feitas à redes sociais de como elas poderiam arcar com os custos das notícias que circulam em seus portais serem rejeitadas, uma vez que elas são o veículo que mais se aproveitam da divulgação desses materiais, é o que mais se alinha no sentido de quem consome o conteúdo oferecer recursos para quem o produz. Não é razoável jogar a responsabilidade inteira para cima dos jornais e seus profissionais e aceitar que as empresas por trás dessas redes não mudem a maneira como agem. Como já sabemos, tudo está mudando e para a nova era que se constrói será necessário que todos se adaptem ao que for necessário, e não podemos deixar que a insistência e teimosia de entes privados nos impeçam de exigir o mesmo destes.